

ENTREVISTA

A língua estrangeira na escola: a formação como meio viável no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem

Juscelino Sant'Ana/Divulgação



Prof. Dr. Juscelino da Silva Sant'Ana

Juscelino da Silva Sant'Ana é licenciado em Letras/inglês pela Universidade de Brasília - UnB (1997), mestre em Linguística Aplicada pela UnB (2005) e doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar (2017). Professor da Secretaria de Estado de Educação do DF (SEEDF). Contato: ilma.juscelino@gmail.com.

O professor Almeida Filho é um experiente formador de professores na área da linguagem, importante pesquisador no ensino de línguas, atuando diretamente na formação há várias décadas e autor de pelo menos três livros no assunto, diz que é preciso rever nossas bases para servir melhor aos que demandam preparação para chegar e fazer bem o trabalho de ensinar idiomas na escola brasileira.

Almeida Filho toca em questões nevrálgicas da formação inicial, como a dos currículos em cursos de Letras, muitas vezes, desatualizados. O autor fala sobre a importância de se ter bases científicas na formação do profissional do ensino de línguas e indica teorias que sejam relevantes para o campo específico dessa área de atuação profissional. Ele aborda, também, a importância de se desenvolver atitudes que favoreçam a formação mais adequada para os contextos contemporâneos de ensino e de aquisição de língua estrangeira.

A formação continuada também é objeto de considerações pelo entrevistado. Para ele, ela pode consistir em um caminho de (auto)descoberta. O Professor Almeida Filho apresenta conselhos e sugestões valiosos para que o profissional que queira se desenvolver possa encontrar condições viáveis em seu constante aprimoramento. Confira a entrevista!

ENTREVISTA

Almeida Filho/Divulgação



Prof. Dr. José Carlos Paes de Almeida Filho

É bacharel e licenciado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1971), mestre em Educação em Língua Estrangeira pela Universidade de Manchester (1976), e doutor em Linguística pela Universidade de Georgetown (1983). Professor de Linguística Aplicada da Universidade de Brasília (UnB). Atua nos programas de graduação em Letras e na Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Tem experiência na área de Aprendizagem e Ensino de Línguas, com ênfase nos processos de aquisição e ensino de línguas, abordagens de ensino de idiomas, história do ensino de línguas no Brasil, políticas de ensino de línguas, ética profissional no ensino de língua estrangeira, epistemologia da linguística aplicada, formação de professores de línguas e ensino de português a falantes de outras línguas e cultura brasileira.

“Nossas licenciaturas ainda não garantem a formação necessária de professores profissionais de língua(s) para as salas de aula de nossas escolas. Temos de agir imediatamente.”

1. Prof. Dr. Juscelino Sant’Ana – O que não está bem na formação de professores de línguas?

Prof. Dr. Almeida Filho – Os apertos ou gargalos da formação de professores de línguas, quase sempre não nativos na língua que vão ensinar (frequentemente o Inglês e o Espanhol, mas várias outras também: o Japonês, o Francês, Libras e o Italiano, por exemplo). As limitações começam na própria educação básica recebida pelos professores ainda na escola fundamental e depois ecoam com severidade no ensino médio deteriorado e na universidade, ou faculdade; um ensino despregado da realidade e muitas vezes estagnado. Os docentes que atuam nas licenciaturas começam por não serem bons já nas suas especialidades – professores de línguas, por exemplo, se formam sem língua suficiente para sustentar aulas na própria língua alvo. Estudam Linguística e conhecem a literatura associada a um idioma, mas não possuem a postura mental e a formação específica para cuidar do ensino das línguas depois nas escolas. Parte do problema é o teor do currículo, desatualizado, estagnado, enviesado por um bacharelado não raro academicista e ideológico. A conclusão que tiro é a de que as universidades não se concentram para resolver suas deficiências na formação, nem sequer no diagnóstico do que aflige a profissão. A formação adequada para que um professor ou uma professora se sinta confortável ao iniciar a carreira profissional não tem sido possível na grande maioria dos programas de licenciatura na área da Linguagem. Poucos licenciandos aprendem, de fato, a controlar com

confiança uma turma numa sala de aula apenas pela observação e pelo contato com profissionais bem sucedidos. As faculdades não só não conseguem viabilizar nos futuros professores um comando apropriado da língua que vai ser ensinada, como também não entram em discussão atitudes mais promissoras. Os conhecimentos embasadores de ações produtivas minimamente necessárias na profissão, como planejar cursos de línguas, escolher ou até preparar materiais, sustentar experiências relevantes nas aulas, e avaliar o aproveitamento e proficiência de seus alunos de língua(s), minguam nas licenciaturas. Muitos professores formados vão a campo sem base conceitual e sem ter tido experiências verdadeiras de ensino a aprendizes das diversas faixas etárias. A situação exige cuidados imediatos, mas poucos se movem sentindo-se responsáveis. Precisamos de uma intervenção de autoridades, nem que seja somente desta vez, por meio de políticas abaladoras do status quo e/ou de exames de suficiência para os professores antes de ingressarem no magistério poderem atuar profissionalmente.

2. Juscelino Sant'Ana – Por que os cursos da licenciatura não melhoram?

Almeida Filho – Eles melhoram vegetativamente, mas sei o que está por detrás da sua pergunta: por que não se tornam verdadeira e rapidamente cursos eficazes preparando novas gerações de professores profissionais da Área da Linguagem que saibam fazer o melhor possível para ajudar alunos a se comunicarem numa nova língua ou numa variante distinta, crescida no seu repertório e prestigiada da própria L1 que já dominam? Não melhoram, primeiramente, porque o assunto não vira item de urgência e nem prioridade no país, que depende muito desses profissionais para crescer e prosperar.

3. Juscelino Sant'Ana – Que características são desejáveis na formação na sua análise?

Prof. Dr. Almeida Filho – A sua pergunta pressupõe que saibamos o que é uma formação adequada, que tenhamos uma espécie de “modelo da formação”. Estamos trabalhando nisso, mas ainda longe de um consenso que nos impulse. Precisamos tentar mais e com mais força. Há ideias europeias, mas ainda suscitam pouco debate. Eu mesmo formulei, para uso em projetos da formação, um Modelo da

“Para se aprofundar na sua profissão e área, um professor ou uma professora precisa buscar livros, cursos, eventos na sua área de cerne. É aí que vai encontrar o melhor dos ensinamentos sobre os processos que fazem fluir o ensino dos idiomas.”

Operação Geral da Formação (OGF) que possa guiar minhas ações com explicitude. Vou destacar alguns pontos. Há um plano conceitual na mente dos professores, pleno de intuições, crenças e memórias, envolto numa cultura escolar marcada por grandes influências, a que chamo de traços influentes do caráter nacional, como os cortes repentinos e desmobilizantes de políticas que golpes políticos

sucessivos implicam. É preciso conhecer esse plano de ideias antes de favorecer o encontro dele com o plano da prática na realidade das escolas. Esse é o primeiro embate. O segundo é o confronto das crenças informais profundas com uma teoria formalizada por pesquisadores sobre o que conta como ensinar e aprender línguas de forma bem sucedida. Teorias da Área da Linguagem não são todas de uma mesma natureza e nem todas se prestam a ofertar conhecimento de valor aos professores de línguas. Quero estabelecer desde logo que valorizo principalmente teoria vinda de dentro da disciplina aplicada a que chamamos de Ensino de Línguas, que depois pode ser complementada com teorias afins como as da Linguística, da Literatura, Psicologia e Educação. Outro círculo ainda maior pode conter teorias de áreas de contato como a das Ciências Sociais e Tecnologias da Informação. O sentido geral é o de caldear as crenças informais com boa teoria (teoria adequada) que trate dos processos da própria formação, do ensinar e do adquirir línguas nas condições brasileiras. Penso que, hoje, o melhor método para fazer essa síntese seja o da reflexão sistemática vivida como técnica a ser aperfeiçoada à medida que a formação permanente avance.

4. Juscelino Sant'Ana - O professor poderia aproveitar melhor sua busca por formação em alguma área específica ou disciplina acadêmica?

Prof. Dr. Almeida Filho – Muitos professores creem, erroneamente, que sua atividade profissional não precisa ser amparada teoricamente por nenhuma área científica porque ela é pura prática. Você aprende a ensinar línguas ensinando por anos seguidos nas escolas. Podem apoiar-se numa gramática e em livros didáticos publicados no mercado editorial, isso sim, mas aí se acabam os recursos e fontes. Outros são levados a crer que há disciplinas referenciais que iluminam o caminho dos professores: a Linguística Geral, a Psicologia, a Sociolinguística Educacional, a Pedagogia Geral. Você busca nessas fontes o

auxílio de que precisa para tornar-se apto e melhor na profissão. Nenhuma dessas posições parece ser defensável do meu ponto de vista após mais de 40 anos trabalhando no ensino de idiomas e formando novas gerações de profissionais. O melhor apoio ou fundamentação de que carecem os professores está no cerne de teorias sintetizadas e vertebradas em proposições de ação informada da área própria, independente e autônoma do Ensino de Línguas. Para nos fazer lembrar bem que essa área é composta de conhecimentos entrelaçados de três processos, uso aqui a sigla FAELin para indicar que há o processo da Formação, o da Aquisição e o do Ensino ou instrução, todos regendo o objeto direto língua, uma dada língua em uso imersa em cultura, línguas em contato, uma L1, L2 ou LE. Temos, portanto, uma área de direito chamada popularmente de Ensino de Línguas, uma profissão estável que alcança mais de 2.500 anos e uma base teórica direta e própria guardada e desenvolvida durante todo o tempo. Os professores fariam bem em buscar apoios em nível do conhecimento e práticas nessa área do Ensino de Línguas (EL). O EL é uma disciplina de um conjunto de outras aplicadas, todas sob o manto da Área Aplicada da Linguagem. Para se aprofundar na sua profissão e área, um professor ou uma professora precisa buscar livros, cursos, eventos na sua área de cerne. É aí que vai encontrar o melhor dos ensinamentos sobre os processos que fazem fluir o ensino dos idiomas.

5. Juscelino Sant’Ana - Por onde devem começar os professores que estiverem dispostos a prosseguir na sua formação?

Prof. Dr. Almeida Filho – Os começos são muitas possibilidades. O mais importante é nutrir atitudes preciosas para a formação: em primeiro lugar, querer uma formação, depois, abrir o espírito a críticas,

autocrítica, flexibilidade para admitir diferenças e limitações nossas. Não ter medo de admitir novas possibilidades ainda que com algum ceticismo sempre. Não é bom acreditar piamente em tudo. É preciso aprender a discernir. Sentir e mostrar entusiasmo por novas direções. Não ter preguiça de ler e ler e ouvir anotando e revendo notas. Essas são marcas de um começo promissor. Os professores precisam, então, conhecer-se, perguntar como de fato ensinam. Conhecer suas características, compreender melhor o que são e fazem guiados por uma cultura informal da profissão e por intuições e crenças. O caminho das leituras relevantes (nem todas são) é o mais seguro, mas é preciso reconhecer que há uma área acadêmica nossa, que é guardiã de muitos conhecimentos já acumulados. Cursos com bom lastro por uma trajetória conhecida de resultados podem ser encontrados. Eles organizam e facilitam nossa compreensão das partes e, quando bons, nos fazem entender o conjunto do nosso trabalho, as tendências, as rivalidades. Na UnB, quero recomendar o Curso da Formação Permanente de Professores de Línguas ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, com foco no Ensino de Línguas da Universidade de Brasília. Confira a página do Programa para saber datas e requisitos. Outro portão promissor para a nossa melhoria profissional é a página HELB (História do Ensino de Línguas no Brasil) acessível pelo sítio eletrônico: www.helb.org.br. A trilha sempre aberta é a da autoformação, da busca própria pelos melhores “conselhos” na forma de artigos de colegas e pesquisadores da Área. Difícil é achar uma sequência útil e fortalecedora de materiais que caiba em nossa experiência, por isso é preciso persistir, perguntar o que seria recomendável ler, encontrar alguém confiável e experiente que nos apoie. O menos aconselhável é não fazer nada e só seguir adiante Tateando nas sobras e acertando de vez em quando. ■

Bibliografia sugerida

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **O Professor de LE em Formação**. Campinas: Pontes Editores, 1999.

_____. **Abordagens da Formação de Professores de PLE e de Outras Línguas**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

_____. **Aspectos da Formação de Professores de Línguas**. Campinas: Pontes Editores (em tratativas com a Editora para lançamento em 2019).